

Legado clássico no Renascimento e sua recepção:

contributos para a renovação
do espaço cultural europeu

Nair de Nazaré Castro Soares,
Cláudia Teixeira (Coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

INTERNACIONALIZAÇÃO DO SABER E DISCURSO LITERÁRIO NO RENASCIMENTO

(The internationalization of knowledge and the literary Renaissance speech)

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES (nairncs@fl.uc.pt)
Universidade de Coimbra

La vérité et la raison sont communes à un chacun, et ne sont non plus à qui les a dites premièrement, qu'à qui les dict après. Ce n'est non plus selon Platon que selon moy, puisque luy et moy l'entendons et voyons de mesme.

Montaigne, *Essais*, I, 26

RESUMO – O discurso literário do Renascimento, em sentido amplo, revela uma coerência que pressupõe – implícita ou explicitamente – uma relação dialética entre a visão do mundo, à escala global, configuradora de uma imitação concreta da realidade, e o modelo formal da Antiguidade Clássica. Neste sentido, ganha relevo, nos colégios humanistas europeus, em latim, língua franca de cultura, a retórica escolar. A disciplina da gramática, inclui a dialética e a retórica, encarada esta como uma ciência do texto, atenta não só ao enunciado como ao processo de enunciação – pela preocupação pela linguagem, pelos estilos, pela arte da composição – confundindo-se com a poética. Em toda a Europa, a *mimesis* estética e cultural dos autores clássicos, da sua sabedoria lapidar, considerada *uox universalis*, torna-se fundamental na formação retórica e na arte de composição dos autores deste período. Numa palavra, a literatura do Renascimento – em latim ou em língua vulgar, em prosa e em verso – torna-se o principal vetor de identidade cultural europeia, na internacionalização do saber.

PALAVRAS-CHAVE – Renascimento; discurso literário; retórica escolar; *mimesis* clássica; retórica da citação e alusão literária; internacionalização do saber

ABSTRACT – The literary Renaissance speech, in a broad sense, reveals a consistency that assumes, implicitly or explicitly, a dialectical relationship between the world's view, on a global scale – according to a concrete imitation of reality –, and the formal model from the Classical Antiquity. In this sense, becomes important in European humanist schools, in Latin – the common language of culture –, the rhetorical pedagogy. The grammar's discipline includes the dialectics and the rhetoric, which is viewed as a text's science, attentive not only to the wording but also to the enunciation's process – concerning the language, the styles, and the art of composition – merging with the poetic. All over Europe, the aesthetic and cultural *mimesis* of the classical authors, of their wisdom, considered *uox universalis*, becomes fundamental in the rhetorical formation and in the art of composition of the authors of that period. In brief, the Renaissance literature, the literary discourse – in Latin or in the vernacular language, in prose and verse – becomes the main vector of the European cultural identity and the internationalization of knowledge.

KEYWORDS – Renaissance; literary discourse; rhetorical pedagogy; classical *mimesis*; rhetoric of literary citation and literary allusion; the internationalization of knowledge

O fascínio que despertam, nos autores do Renascimento, os motivos e as formas da Antiguidade, condiciona o discurso literário que se apoia num mundo de referências comuns, numa espécie de comunidade de inspiração, a conferirem-lhe um carácter inevitavelmente culto, a que o génio criador individual confere originalidade.

Instrumento sedutor do discurso literário é a linguagem, a palavra, a que a *Poética* e a *Retórica*, com seus recursos estilísticos, conferem força e vigor expressivos. Na realidade, poetas e prosadores quinhentistas, em latim e em língua vulgar, sensíveis à *elegantia*, ao *decorum* e ao *ornatus* clássicos, acolhem a *res* e os *uerba* clássicos, assimilam imagens e motivos das obras antigas que, depurados até à essencialidade, se tornam fonte perene de inspiração.

Considerada a literatura e toda a criação artística como imitação – uma forma de conhecimento, segundo Aristóteles¹ – poderemos observar com Auerbach, na sua monumental obra, *Mimesis*, que toda a produção literária está condicionada pela conceção do mundo, a partir da qual o autor imita e recria².

Apesar de a *Poética* do Estagirita não incluir o género lírico, é, a partir do século XVI, da *Arte poética* de Minturno (1564), que surge expressamente a tríade: Lírica, Épica e Dramática. Uma vasta literatura clássica se impõe – como fonte de “hipertextualidade”, no dizer de Gérard Genette³ – como modelo de discurso literário, nos diferentes géneros, e como *uox uniuersalis* dos valores da civilização do Ocidental.

Notável é o papel da imprensa e dos grandes impressores – desde Aldo Manúcio, em Veneza, os Froeben, em Basileia, e Robert Estienne, em Paris – ou mesmo dos prelos mais modestos, instalados junto das instituições universitárias ou a elas adstritos. Assim se impunha a divulgação das obras clássicas, quer no texto original, fixado com o maior rigor filológico, quer através da tradução do grego para latim ou dos originais clássicos para as línguas vulgares, progressivamente dignificadas, desde o *Trecento*.

Fundamental se torna, contudo, um domínio perfeito, correto e elegante do latim, língua franca de cultura, em toda a Europa. Em latim, eram lecionadas as diferentes matérias por mestres nacionais e estrangeiros.

Em Portugal, já havíamos sulcado mares desconhecidos em busca de novos mundos, quando enveredámos decididamente pelo caminho das Letras. O ensino na Universidade de Coimbra desde 1537, e o ensino das três línguas cultas, o grego, o latim e o hebraico, no Colégio das Artes, fundado pelo rei D. João III, em 1548, eram prova inequívoca da atualização

¹ Vide e. g. Aristóteles, *Poética*, 1451 a 36-1451 b 10.

² Auerbach 1979. Cf. ainda Garrido Gallardo 2009: 58; 993-1008.

³ O conceito de “hipertextualidade” designa todas as relações explícitas que pode haver entre as obras literárias, estendendo-se também ao âmbito dos próprios géneros literários. Vide Genette 1979.

e europeização da nossa cultura. Através do conhecimento destas línguas, era possível o recurso às fontes do saber, à riqueza literária da Antiguidade clássica, à exegese bíblica, e a todo o pensamento filosófico e científico, antigo e moderno.

Os textos do Humanismo Renascentista, concebidos dentro de uma moldura retórica, apontam sempre para um horizonte de conhecimentos que está de acordo com a sensibilidade da época e as expectativas do público, verdadeira condicionante da sua recepção e influência⁴. Esse horizonte de conhecimentos repousa no mundo clássico, com o seu universo ético, fonte inesgotável que alimenta a torrente da cultura do tempo.

Mas a fonte não explica a obra, pelo que não pode deixar de se pôr a questão das leituras possíveis de cada autor e das áreas temáticas para que aponta, definidoras da sua própria identidade literária. Esta sobressai na aceitação de pontos de vista relativos, de perspetivas variadas, que admitem uma estrutura de múltiplas relações e tornam o texto policêntrico⁵. O génio do autor está, verdadeiramente, em transformar códigos e fórmulas estratificadas em literatura, qualquer que seja o género literário cultivado, de acordo com o *decorum* e os padrões de sensibilidade da sua época⁶.

Afigura-se aliciante a análise discursiva das obras dos autores do Renascimento europeu, por ser possível perceber o mecanismo da escrita, a génese do texto literário, poético e em prosa, a partir da preceptística clássica e da *mimesis* textual dos diferentes sujeitos criadores.

Além disso, o método crítico adotado para a análise das obras do Renascimento não é puramente intuitivo, nem faz parte de uma escola, nem de uma ideologia em particular. É-nos ditado pelos próprios autores que nos guiam na compreensão dos seus escritos, ao colocarem em presença duas espécies de linguagem, caracterizadas por dois movimentos linguísticos: a diacronia, fornecida pela tradição, em que o mundo epistémico da retórica clássica tem a primazia, e a sincronia, criada pelo próprio autor, como homem da sua época, a que não são alheias a linguagem conotativa e as sugestões várias, que se prendem com os valores da sua identidade. É necessário reconhecer essas diferentes unidades e as associações dessas unidades que tornam a obra rica de sentidos e lhe conferem o sentido próprio que o autor lhe imprimiu.

⁴ Vide Jauss 1978.

⁵ A intertextualidade não foi alheia à estética da produção literária, desde a Antiguidade clássica. Vide G. B. Conte 1986. No tocante à transcendência textual, que se prende à génese da moderna obra literária, são dignas de nota as palavras de Genette 1983: «en transforme ou en imite (ce qui est une autre forme de transformer) une ou plusieurs autres: de pans entiers de la littérature universelle, de l'*Odyssée* (au moins) à nos jours [...], bricolages des formes et recyclage des sens (ou l'inverse) sont les deux mamelles de toute tradition».

⁶ Sobre a noção de código literário, vide Aguiar e Silva 1974: 23-33.

A este propósito, torna-se sugestivo o estudo de Hélène-Hedy Ehrlich em que compara, nas suas perspetivas de análise linguística, os críticos modernos, e sobretudo Roland Barthes, a Montaigne – que, no mundo metafórico dos seus *Essais* desvela não só o processo de assimilação e apropriação de numerosas citações, como o perpétuo movimento de que fazem parte os atos de ler e de escrever⁷.

Modernamente, assiste-se a um interesse renovado sobre questões críticas da intertextualidade, da alusão literária, da influência, da formação e validade dos cânones que, além de contemplar a função referencial da literatura, tem em conta sobretudo as suas funções metalinguísticas. Autores como R. Barthes, J. Kristeva, L. Dällenbach, L. Jenny, M. Riffaterre, A. Compagnon, G. Genette, entre os mais significativos, refletem sobre o *fonctionnement* da citação e do *cliché*, os efeitos dos elementos intertextuais no novo texto e as modificações de sentido dos elementos nele inseridos. Estas considerações levam à análise das relações entre o autor que cita e o seu leitor, entre o autor e as suas próprias palavras, entre o autor e os escritores que lhe serviram de fonte⁸.

Assim, neste processo complexo, a *sententia*, o *locus communis*, o *topos*, enquanto sentido e forma, são analisado na sua natureza, nos seus diferentes níveis e funções, na sua incidência no plano da expressão – no “estilo” e na “escrita” –, o que implica abordagens diversas e complementares: linguísticas, semiológicas, retóricas, culturais e estéticas⁹.

As reflexões destes estudiosos modernos – apesar de não descurarem as normas poéticas e retóricas da Antiguidade clássica, com um valor absoluto para os autores do Renascimento – têm por referência outros horizontes culturais.

No entanto, não sem razão se tem questionado, dentro dos mesmos parâmetros, a produção humanista. A “Société Française des Seiziémistes” levou a efeito um colóquio subordinado ao tema “Les méthodes du discours critique dans les études seiziémistes”, em que se viram aplicadas as técnicas modernas da análise do discurso¹⁰. De aplaudir tal iniciativa, tendo em conta o papel da

⁷ Ehrlich 1972: 18, 67 e 70 sqq.

⁸ Barthes 1964: 175-187; Idem 1970: 215; Idem 1972; Kristeva 1967: 438-465; Dällenbach 1976: 282-296; Jenny 1972: 495-517; Idem 1976: 257-281; Idem 1984: 171-195; Riffaterre 1971: 171 e sqq.; Compagnon 1979; Genette 1982.

⁹ Barthes 1964: 14-17 define “style” como a irrupção do *eu* do escritor na língua e “écriture” como a linguagem literária transformada pelo seu destino social, como um ato de solidariedade histórica. Júlia Kristeva, na sequência das orientações seguidas por Victor Shklovskii e pelos linguistas da Escola de Praga, apoia-se no carácter ao mesmo tempo livre e contingente dos elementos num enunciado, onde se manifestam, por um lado, os efeitos que o autor traz ao texto com os seus acrescentos e, por outro, as palavras que ele recolhe de outros textos. Sugestivo, pela sua abrangência e sentido de síntese, é o artigo citado de Laurent Jenny.

¹⁰ Mathieu-Castellani et Margolin (coords) 1987. Vide ainda Compagnon 1984: 925 e Lafond 1984: 101-122.

retórica clássica e dos seus exemplos textuais nas concepções e análises dos críticos modernos¹¹.

A conceção de teoria poética, nos alvares da Idade Moderna, reunia em simbiose os ensinamentos aristotélicos e o pensamento horaciano. A *Epistula ad Pisones*, que fazia parte das leituras normais da Idade Média, era assimilada às regras e preceitos da tradição retórica, pelo que se pode falar de uma tradição retórica horaciana. Quando, nos finais do *Quattrocento*, vem à luz a *Poética* de Aristóteles, num ambiente dominado pelos textos da tradição medieval, logo se estabeleceram semelhanças e se fizeram convergências interpretativas, de tal forma que foi possível concluir que o texto horaciano não era mais do que uma tradução – um pouco retoricizada – da *Poética*.

As várias edições, comentários e traduções das obras de Horácio e Aristóteles, que surgiram nos finais do séc. XV e no decurso do séc. XVI, forneciam, por um lado, ensinamentos sobre os cânones estéticos dos diferentes géneros aos autores da época, preocupados com o verdadeiro sentido de uma adequada *imitatio*¹². Por outro, através dos tratados *De oratore*, *Brutus* e *Orator* de Cícero, da *Institutio oratoria* de Quintiliano e do *Diálogo dos oradores*, atribuído a Tácito, recentemente descobertos¹³, o homem renascentista apreendia o sentido essencial da retórica e do papel imprescindível do *homo rhetoricus*, na construção da sua cidade, a nível nacional e a nível global¹⁴.

Menção especial, neste sentido, merece o opúsculo de S. Basílio sobre a forma de ler os clássicos – que Leonardo Bruni traduz para latim e dedica em 1405 a Coluccio Salutati. Este texto de S. Basílio é frequentemente citado pelos humanistas, o que prova bem a orientação dada à leitura das obras da Antiguidade pagã.

Aliás os autores da Patrística são ensinados nas escolas humanistas, como na de Guarino de Verona, considerado, com Vittorino da Feltré, modelo de educador. Figuram a par dos clássicos na *ratio studiorum* proposta pelos tratadistas

¹¹ Vide e. g. Genette 1966; ou ainda Dubois et al.: 1970.

¹² Weinberg: 1970-1972.

¹³ A recuperação dos textos clássicos – já desde Petrarca, Salutati e Boccaccio – dá-se sobretudo no século XV, com uma importância significativa para o Humanismo italiano e para o auge da retórica, quer no âmbito do seu ensino, quer da prática oratória: Poggio Bracciolini, em 1416, encontra o manuscrito completo da *Institutio oratoria* de Quintiliano; em 1421, recuperam-se, pela mão de Gerardo Landriani, vários manuscritos íntegros de Cícero (*De oratore*, *Orator* e *Brutus*). Sem esquecer o *Diálogo dos oradores* de Tácito e ainda os tratados gregos *Sobre a composição* de Dioniso de Halicarnasso; *Sobre as ideias* e *Sobre os tipos de estilo* de Hermógenes; *Sobre o estilo* de Demétrio Falereu; e *Sobre o Sublime* de Pseudo-Longino. A queda de Constantinopla, em 1453, contribuiu também para o esforço de preservação de obras gregas. Muitos destes textos retóricos foram impressos por Aldo Manúcio em 1508. Vide Fumaroli 1980; Garrido Gallardo 2009: 428-430; 1000-1008; 1381-1382.

¹⁴ Murphy (ed.) 1988; Soares et al. 2011.

e merecem ser comentados e editados, desde o *Quattrocento* italiano, designadamente por Erasmo.

Santo Agostinho, com Cícero e Séneca, moldou a alma de Petrarca, o primeiro humanista. Além disso, a concordância entre a doutrina de Cícero no *De oratore* e a de Santo Agostinho no *De doctrina christiana* tornou-se pedra angular na definição de uma estética retórica cristã – de que é expoente máximo, no século XVI, a obra de Erasmo¹⁵ – bem como de uma oratória eclesiástica tridentina.

O ideal humanista do orador ciceroniano, sacralizado pela pena do bispo de Hipona e imbuído da espiritualidade do *Ecclesiastes* do Humanista de Roterdão, vai alimentar o discurso humanista do século XVI e ainda a teorização da *ars concionandi*, de que é exemplo, entre nós, Frei Luís de Granada.

Apesar dos pontos de vista complementares ou divergentes dos tratadistas latinos, as suas obras privilegiam o *sententiarum splendor*, o brilho das sentenças, que sobressai como se de pedras preciosas se tratasse, quer na *copia*, quer na *brevitas stili*¹⁶.

Além de cânones e regras, colhidos na tratadística clássica greco-latina, segundo a interpretação dos diversos comentadores, a disciplina da Gramática – que incluía a Retórica e a Poética, por vezes sem definição de contornos entre ambas – propiciava o estudo direto dos autores antigos, prosadores e poetas, a assimilação das suas estruturas morfossintáticas e sobretudo do seu pensamento, da sua palavra.

Diferentes correntes filosóficas se difundem a partir do *Quattrocento*, com incidência direta na argumentação discursiva, em que se afirma o ideal retórico da *latinitas*, no sentido da valorização da palavra. Além do aristotelismo e do platonismo, a partir sobretudo das traduções latinas de Leonardo Bruni e Marsilio Ficino, impõe-se o estoicismo desde Petrarca, com a influência de Séneca e a tradução do *Manual* de Epicteto feita por Poliziano. Se os neoaristotélicos valorizam o papel da lógica e dos silogismos, os ramistas defendem o “método” na argumentação, inspirados em Platão, designadamente na discussão da *diaeresis*, no *Fedro* (265e) e no *Sofista* (218b). O silogismo, apoiado em *exempla*, fornecia assim aos neoaristotélicos uma contrapartida aos “lugares-comuns” defendidos pelos ramistas. O neoestoicismo, por seu lado, manifestava uma acentuada preferência pelo estilo sentencioso de cariz moralizante.

Em Portugal, no Colégio das Artes, como no Colégio da Guiena, em

¹⁵ Sobre a dívida de Erasmo a Santo Agostinho, vide Bené 1969.

¹⁶ Sobre a retórica no século XVI, desde o humanismo italiano, o ensino da retórica, a recuperação dos textos retóricos clássicos, as figuras mais representativas no âmbito da retórica, a querela do ciceronianismo e suas etapas, o Concílio de Trento e a reforma da oratória sagrada, a redescoberta de Tácito e o triunfo do estilo lacónico, o segundo renascimento ciceroniano, vide Garrido Gallardo 2009: 427-437.

Bordéus, se adota o manual *Praeceptiones dialecticae*¹⁷ do aristotélico Nicolas de Grouchy – um dos bordaleses, professor de Montaigne, que vem para Coimbra com André de Gouveia e é o tradutor para francês da *História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses* de Fernão Lopes de Castanheda. Este manual de Grouchy, único usado no Colégio de Bordéus¹⁸, é uma sequência de silogismos que ilustram virtudes morais, com *exempla* retirados da *Ética a Nicómaco*, o mais platónico dos livros aristotélicos. Em Coimbra, para servir de apoio aos seus cursos, Grouchy traduz um dos dois livros do *Organon*, que Aristóteles dedica ao silogismo, os *Segundos Analíticos*, conhecido na época por *Aristotelis de demonstratione*¹⁹.

A prática de uma arte da memória, a que dera o primeiro impulso o poeta grego do século VI a. C., Simónides de Ceos²⁰ –, a quem se deve a definição, de tão grande fortuna, “a pintura é poesia muda; a poesia, imagem que fala” – torna-se basilar na pedagogia e na formação retórica, no enriquecimento da *res* e dos *uerba* dos autores deste período, quer em língua latina, quer em vernáculo.

Já no período helenístico do mundo greco-romano, sobretudo a partir do século I d. C., as escolas de gramática e de retórica concediam grande importância aos *Progymnasmata*, exercícios preliminares de composição, capazes de exemplificar, pelas suas virtualidades de aplicação concreta, os vários géneros de discurso retórico e os valores éticos e pedagógicos do mundo antigo²¹. Os teorizadores desta época, que denunciam uma relação íntima entre o emprego corrente destas formas literárias e a cultura da Segunda Sofística, têm ampla recepção no Renascimento, em autores como Rudolfo Agricola – tradutor dos *Progymnasmata* de Aftónio – Erasmo e Guillaume Budé²². Semelhante implicação recíproca existe também entre a *paideia* humanista e o recurso permanente à citação clássica, veículo de valores culturais, ético-políticos e estéticos da Antiguidade²³. Acresce ainda o sentido da *auctoritas*, que no discurso humanista pesa por vezes mais do que a originalidade e o engenho do conceito.

A crença no valor do *exemplum*, que na sua concisão e brevidade é mais eficaz do que a longa explanação da doutrina – *longum iter est per praecepta, breue et efficax per exemplum*²⁴ –, no dizer de Séneca, exprime de modo eloquente

¹⁷ Vide ed. de Paris, F. Morel, 1557.

¹⁸ Vide Hoffmann 1991: 45-60.

¹⁹ Vide ed. de Paris, M. Vascosan, 1554.

²⁰ Simónides de Ceos é a mais antiga fonte que se conhece relativamente à prática de uma arte da memória. Cf. Simondon 1982: 181-190; Yates 1975.

²¹ Newlands – Murphy 1986: 29-40.

²² Vide Margolin 1979: 239-269; Kennedy 1980; Jardine 1988: 38-57, maxime 48 e sqq.

²³ Chomarat 1981, maxime IV partie, ch.I, «Les auteurs et le style»: p. 394-449; ch. V, «Le style et l'art d'écrire»: 711-843.

²⁴ Cf. Séneca, *Carta a Lucílio* (*Ep.* 1, 6, 5); e ainda Quintiliano, *Institutio oratoria*, 12, 2,

a função estilística e conceptual das formas literárias de carácter sapiencial e sentencioso, dos *loci communes*, os ‘lugares-comuns’, que abrangem a *gnome*, ou sentença propriamente dita, o *apotegma*, o provérbio, o aforismo, que são a expressão anónima da sabedoria com aplicação universal, e ainda a *chria*, a história, a anedota, que veiculam os ditos e/ ou os feitos de determinada figura ou personagem ilustre²⁵.

A fluidez semântica existente entre estas formas, caracterizadas por uma perfeita articulação linguística, literária e conceptual manifesta-se nos autores renascentistas, que buscam a novidade do seu discurso através de uma verdadeira *contaminatio* paremiológica²⁶.

Se as fórmulas de carácter sapiencial e sentencioso podem ser consideradas a forma mais elaborada do *cliché*, este inclui ainda expressões – que se cristalizaram no *usus* diacrónico e sincrónico da língua – e motivos recorrentes, ou mesmo estereótipos literários, capazes de atestar a ininteligibilidade monológica da palavra, ou de denunciar o estilo que se convencionou chamar “escrita fragmentária”²⁷.

No humanismo renascentista, o saber clássico é essencialmente fruto da instituição docente. Se alguns dos primeiros humanistas italianos, a começar por Petrarca, se não encontram diretamente ligados à docência, a segunda geração de humanistas e os principais representantes do humanismo europeu são em grande parte indissociáveis da história da pedagogia²⁸.

Notável é o afã pedagógico de Erasmo, discípulo do primeiro humanismo italiano, sobretudo da filologia de Valla e Poliziano, e ainda de Rudolfo Agrícola, autores que muito contribuíram para a valorização da retórica, que está na base da verdadeira “Rinascita” humanista²⁹. Repetidamente, Erasmo afirma o valor dos *exempla*, das *sententiae* na formação retórica e na educação moral. Na carta a Lord Montjoy, que serve de prefácio à edição parisisina dos *Adagia*,

30 e 12, 10, 48.

²⁵ Vide Garrido Gallardo 2009: 977-980. Meleuc 1969: 69-99. Os limites destas formas literárias, quanto ao conteúdo e à formulação, são pouco nítidos. Vide e. g. Aristóteles, *Rhetorica*, 2, 21, 2; *Rhetorica ad Herennium*, 4, 17, 24; e Quintiliano, *Institutio oratoria*, 8, 5, 3. Cf. ainda Lausberg 1972: 237, §398.

²⁶ A este propósito, veja-se a análise do *De duplici copia uerborum et rerum* por Chomarat 1981: II, 735 e sqq.; 748-752 (maxime); Garrido Gallardo 2009: 428-431.

²⁷ Barthes 1964: 175-187.

²⁸ Cf. Scaglione 1961: 49-70.

²⁹ Vide Érasmo 1703 (tradicionalmente citados com a sigla *LB*): as obras em que é manifesta a preocupação de defender as *humaniores litterae* contra a *barbaries*: a *Paraphrasis elegantiarum linguae Latinae* de Valla, o *De copia rerum ac uerborum*, o *De conscribendis epistolis*, os *Antibarbarorum libri*, a *Adagiorum Collectanea*; o *Apophthegmatum opus*, as *Familiarium colloquiorum formulae*. Conhecida é a influência, no pensamento de Erasmo: de Valla, a quem se devem as *Disputationes dialecticae* e as *Elegantiae linguae Latinae*; Poliziano – mestre de prestigiadas figuras do primeiro humanismo português –, autor de um *Liber miscellaneorum*, modelo moderno da literatura de carácter sentencioso; Rudolfo Agrícola, autor de obras como *De inuentione dialectica*, *De formando studio*, *De usu locorum communium*.

o humanista afirma mesmo que é nos adágios, nas sentenças, nos apotegmas e nos provérbios que se encontram as principais fontes e os principais atrativos do discurso. Invoca o modelo moderno, oferecido pelo *Liber miscellaneorum* de Poliziano, e adverte para o facto de os textos sagrados serem também campo favorável à colheita de fórmulas sentenciosas. Conclui, finalmente, que nestas fórmulas se continha algo de divino e adequado às coisas celestes³⁰.

A *mimesis* estética e cultural dos autores clássicos, da sua sabedoria lapidar, era favorecida pela memorização de *sententiae*, de *exempla*³¹. Desde a escola da Reforma, em Estrasburgo, dirigida por Johan Sturm³², à *Schola Aquitanica* de Bordéus³³, cuja *ratio studiorum*, publicada por Elias Vinet, é da autoria de André de Gouveia – que de França viria fundar o Colégio das Artes em 1548³⁴ –, sem esquecer as escolas jesuítas³⁵, por toda a Europa se cultivam e adestram os alunos na *latinitas*, através de recolha de sentenças e fórmulas de dizer, de acordo com o *modus parisiensis*³⁶. Era a lição de Séneca e Quintiliano, aceite pela pedagogia

³⁰ Allen et Garrod 1967: Tome I, 264-271.

³¹ Sobre a importância atribuída pelos pedagogos humanistas, e entre eles Melancthon, “o educador da Germânia”, aos *Libri locorum rerum*, vide Porteau 1935: 182-184.

³² Johan Sturm, reformador do Ginásio de Estrasburgo e autor de uma vasta obra pedagógica e de um famoso tratado *De litterarum ludis recte aperiendis* (1538), vai influir significativamente na formulação dos métodos pedagógicos e na *Ratio studiorum* dos jesuítas. Vide Mesnard 1966: 200-219. A propósito desta prática pedagógica, vide p. 211: «The pupil will be invited to try to draft short separate sentences, corresponding to a well-determined experience».

³³ Vide Carvalho 1941. Sabe-se que, em 1578, o impressor de Bordéus, Millanges, imprimiu livros com espaços interlineares, de Cícero, de Virgílio e de Ovídio, para as classes do Colégio da Guiana. Cf. Gomes 1994: 179-196. Sobre os métodos de ensino em França, no que respeita à formação retórica, vide Grafton 1981: I. 37-70.

³⁴ Vide, sobre o Colégio das Artes, os estudos de Brandão 1924-1933; Idem 1948 e 1969; sobre a construção de uma “Universidade nova”, que os estatutos da autoria de Fr. Diogo de Murça, hoje perdidos, dariam a conhecer, vide Dias 1969: 623-700; e sobre as instituições de ensino em Coimbra, no século XVI, seus discípulos e ambiente académico coimbrão, vide as obras de Ramalho I 1988; II 1994; III 1998; IV 2000; V 2013.

³⁵ Vide e. g. o tratado do jesuíta, professor em Coimbra, Pedro Perpilhão, *De ratione liberorum instituendorum litteris Graecis et Latinis* (1565), capítulo VII, que recomenda o uso de edições adequadas à anotação interlinear: *Petri Ioannis Perpiniani Soc. Iesu aliquot epistolae* (Paris, 1683): 120. C. Mir 1968. M. Miranda 2009.

³⁶ O *modus parisiensis*, assente nos princípios da ordem e do exercício, com vista a uma formação integral, física, intelectual, moral e religiosa, foi iniciado nas escolas humanísticas dos Irmãos da Vida Comum e posto em prática em Paris, nas primeiras duas, três décadas do século XVI, por pedagogos como Johan Sturm, Mathurin Cordier e George Buchanan. Mathurin Cordier e George Buchanan integraram o grupo de mestres que vieram de Paris para Bordéus, a convite de André de Gouveia, juntamente com humanistas portugueses, como João da Costa e Diogo de Teive. O *modus parisiensis* – que acompanha o sucesso do ensino nas instituições em que André de Gouveia foi Principal, o Colégio de Santa Bárbara em Paris, o da Guiana em Bordéus e o Colégio das Artes em Coimbra – vai conhecer a maior difusão também nas escolas protestantes da Europa Central, por influência de Sturm, e vai impôr-se também nos Colégios Jesuítas que irradiaram por toda a Europa. Vide Gomes, 1994: 179-196; Brockliss “Curricula” 1996: maxime, p. 572

humanista³⁷. Estas expressões colhidas nos bons autores, anotadas em edições escolares – preparadas para o registo interlinear³⁸ – ou simplesmente em bloco de apontamentos sistematizados, segundo os diversos temas, o *chirographarium*, permitiam um enriquecimento da *inuentio* e da *elocutio* e constituíam um *corpus*, que era já um esboço de futuras coletâneas.

Também entre nós os pedagogos humanistas Cataldo, Clenardo, Vaseu, Diogo Sigeu, Jerónimo Cardoso, Juan Fernández merecem ser referidos pelas suas obras destinadas ao ensino e aperfeiçoamento da *latinitas*, pelo recurso à recolha de expressões lapidares dos autores clássicos, verdadeiros *semina dicendi*, que servem de suporte à *inuentio* humanista. A própria pedagogia conimbricense integrava nos seus *curricula* obras como o *De copia*, os *Adagia* e os *Colloquia*, destinados a oferecerem aos estudantes da latinidade um texto moderno³⁹.

A nossa pedagogia afina assim pelo diapasão humanista, no que toca à valorização da palavra, quer através da *elegantia* da língua latina, quer similarmente da língua vulgar⁴⁰ – dignificada, desde o *De vulgari eloquentia* de Dante, pelos autores quincentistas italianos Trissino, Bembo e Sperone Speroni e, na sua pegada, por diversos autores europeus, de que são exemplo Joaquim Du Bellay, em *La deffense et illustration de la langue françoise* e os autores portugueses João de Barros, Fernão de Oliveira e o poeta António Ferreira⁴¹.

Para a compreensão da problemática literária no século XVI é indispensável considerar a interação entre prática escolar e prática literária. É, sem dúvida, através dos recursos técnicos da pedagogia da palavra que é possível perceber o

³⁷ Cf. Séneca (*Ep.* 33, 7) e Quintiliano (1, 9, 3). Entre os pedagogos humanistas, vide Erasmo, *De duplici copia*, (*LB*, I, 100-101) e Luis Vives, *Introductio ad sapientiam* e *Epistola II de ratione studii puerilis*, in *Opera omnia*, Valencia, 1782 (I, 14 e 272-273).

³⁸ A inovação deve-se ao impressor Grapheus, ao publicar uma edição dos *Diálogos* de Luciano (*Luciani dialogi aliquot...*, Antuerpiae, 1527) com espaços deixados em branco para as anotações dos alunos. De interesse são as considerações do editor sobre a funcionalidade deste expediente (fº1 vº). Cf. sobre a divulgação da obra de Luciano, com fins didáticos, Lauvergnat-Gagnière 1988: 66 e sqq. Cf. ainda, sobre a utilidade do *chirographarium*, Pendergrass 1990, *Ep.* 79.

³⁹ Margolin et al. 1992.

⁴⁰ O ideal do Renascimento é a erudição, com recurso à *uariatio*, à *copia*, ou mesmo à *brevitas* estilísticas, a que não é alheio o conceito filológico de *elegantia*, associado na sua etimologia a *eligere*, ‘escolher’ – que Lorenzo Valla definiu nas *Elegantiae linguae Latinae* de 1440.

⁴¹ Entre os defensores da língua vulgar, na linha de Dante, contam-se Trissino, Bembo, Sperone Speroni, para falar apenas dos italianos que inspiraram o discurso de autores como Du Bellay, António Ferreira, João de Barros. Trissino, que defendera nos *Orti Oricellari* a língua nacional, com uma obra polémica em louvor do *De vulgari eloquentia* de Dante, compusera a tragédia *Sofonisba*, em língua vernácula, tal como Rucellai a *Rosmunda*, dramaturgos que inspiraram ainda António Ferreira na adoção do verso solto. Sobre a importância da tradução, na divulgação e conhecimento dos autores clássicos e na afirmação do movimento humanista, vide Soares 1994 a: 280-305.

mecanismo da escrita, no Renascimento⁴².

Não raras vezes se combina ou se interjeta, no texto literário, a retórica da amplificação, da *uariatio*, própria da eloquência escolar, com o asianismo inspirado da literatura enumerativa, reprodução nostálgica dos modelos do passado, ao gosto da época.

Além disso, a própria formação escolar condiciona não só a escrita, mas a leitura e a receção do texto literário, que não é apreciado, em si, apenas ou principalmente como criação estética ou forma de divertimento, mas como modelo ou ficheiro de eloquência, destinado à imitação e à reutilização. As informações marginais que as edições registam, acompanhadas de índices temáticos circunstanciados, em que se distinguem as edições frobenianas de Basileia, são secundadas por anotações pessoais, manuscritas pelos leitores da época – às vezes escritores famosos – que são verdadeiras fontes de invenção e de elocução.

Percebe-se assim, nos diversos autores, uma preocupação consciente de erudição, senão mesmo, em alguns deles, uma acentuada intenção didática, como é o caso expressivo do *Tiers livre* de Rabelais, que não é somente «un vray Cornucopie de joyuseté et raillerie», mas uma autêntica *cornucopia* em francês⁴³.

Se, no Renascimento, a aquisição de uma competência linguística, capaz de interpretar e assimilar a mensagem das obras da Antiguidade, era considerada indispensável, a tradução assumia também um papel importante como instrumento do saber clássico. Dela se ocupam diversos autores, em França, desde Pierre de Bersuire a Claude Seyssel, Estienne de la Boétie e Amyot; em Espanha, desde Don Alonso de Cartagena a Diego Gracián de Alderete; e em Portugal, desde os príncipes de Avis a D. António Pinheiro, Duarte de Resende, Damião de Góis.

Conhecido é o entusiasmo com que Montaigne (II, 4) saúda a tradução das *Oeuvres morales* de Plutarco, que Amyot acabava de publicar – «c'est notre bréviaire»⁴⁴.

A Damião de Góis se devem também palavras de elogio ao papel do tradutor – a propósito da sua tradução, *Da velhice*, do tratado ciceroniano *De senectute* – muito mais louvável do que o trabalho do compilador de sentenças, daquelas «muytas pessoas cobiçosas da gloria», que «fazem remendando e repeçando dictos e sentencias furtadas de hũa e d'outra parte, ordenadas sem artificio rhetorico»⁴⁵.

À margem do processo criativo, mas com ele intimamente relacionados, os livros de sentenças surgem como textos canónicos, emblemáticos, repositórios

⁴² Vide, a este propósito, Lecoinge 1993: 621 e *sqq.*

⁴³ Rabelais, *Tiers livre*, 1962: 65.

⁴⁴ Vide, a este propósito, Villey 1912: 1314.

⁴⁵ Vide Bell 1942: 75-76.

de um *immobile continuum*, identificado com a verdade, a tradição e os valores universais, que a arte da palavra, numa adequação perfeita da *res* e dos *uerba*, põe ao serviço da retórica da persuasão. Este género está representado, entre nós, desde o primeiro Humanismo ao seu declinar, com as coletâneas de provérbios, de sentenças, na linha das que nos legou a Antiguidade, de Cataldo, D. Francisco de Portugal, primeiro conde de Vimioso – com edição apenas no século XVII –, Diogo de Teive, André Rodrigues de Évora, Diogo Pires, Frei Luís de Granada⁴⁶.

Se nos autores medievais as citações recolhidas nos autores antigos serviam para enroupar o próprio discurso e se adaptavam à nova sequência lógica, num certo desrespeito pelo texto do autor original, a técnica de utilização das fontes, nas obras humanistas, valorizava o texto da autoridade citada, do ponto de vista retórico, que funcionava como entidade argumentativa e estilística, e era ilustrativa, por excelência, da *aemulatio* e *imitatio* humanistas. O autor humanista utilizava mesmo estilemas, reminiscências verbais e, numa espécie de sincretismo, com um hábil trabalho de *intarsio*, que era entalhe e transformação, chegava a novas *iuncturae*, reveladoras da sua bagagem cultural e da sua originalidade⁴⁷.

A tríade educativa, *natura, ars, exercitatio* – que remonta aos pré-socráticos e conhece grande divulgação entre os sofistas e, sobretudo, a partir deles, através de Platão, Aristóteles, Cícero, Quintiliano – é a base sólida em que assenta o edifício ideológico da retórica escolar, bem como da criação literária no Renascimento⁴⁸. Todos os tratadistas repetem estas fórmulas, ou suas variantes – entre outras, *ingenium, assiduus usus, disciplina* ou *natura, ars, studium*, e respetivas traduções em vernáculo, de tal maneira que se podem considerar, desde a Antiguidade clássica, um perfeito *cliché* retórico-literário.

A crença no valor do talento natural, do *ingenium*, da *natura*, não dispensava a cultura adquirida, a arte – a *imitatio*, na expressão da *Rhetorica ad Herennium* – e o exercício, o estudo aturado, princípios tão válidos para o orador como para o poeta, para o discurso em prosa, como em poesia⁴⁹. A estes postulados se aliava

⁴⁶ Vide Soares 1993: 377-410.

⁴⁷ Vide Ferrau 1975: 134-135; Reyes 1984, e. g.: 43. À criação individual dos autores coube seguir e adaptar a matriz clássica, através da citação, da reminiscência e alusão literárias, ou do recurso à *intarsio* de diversos modelos numa nova *iunctura*, ou à atualização dos códigos estético-literários, através da *contaminatio* genológica. Refira-se, a título de exemplo, a tragédia *Castro* de António Ferreira, em que é manifesta a *contaminatio* genológica entre o trágico e o lírico, em que os arroubos trágicos dão lugar ao mais consumado lirismo. Vide Soares 1996: 51-77.

⁴⁸ Vide, a este propósito, Soares 1994: 422 e sqq.

⁴⁹ A *Rhetorica ad Herennium*, I, 3 não alude à *natura*, mas enuncia apenas os seguintes princípios: *ars, imitatio, exercitatio*. Sobre a importância na criação literária, desta tríade, expressa com fórmulas divergentes dentro de cada autor e de autor para autor, cf. ainda Cícero, e. g. *De oratore*, I, 25; Quintiliano, *Institutio oratoria*, I, 3, 1-2; II, 19, 3; Horácio, *Epistula ad Pisones*, v. 409-411.

a memória que, segundo Quintiliano, era o primeiro indício dos dotes naturais, na criança⁵⁰.

Isto sem esquecer o acolhimento que teve, no cosmos poético-filosófico do Renascimento, em autores como Boccaccio e Poliziano, a teoria poética de inspiração divina, a cosmologia vitalista, com origem em Píndaro e Demócrito, veiculada sobretudo a partir do comentário ficiniano do *Íon* de Platão⁵¹. Através da influência da obra de Giovanni Boccaccio *De genealogia deorum gentilium*, considerada já a *magna charta* da nova dignidade universal conquistada pela letra – que Erasmo propõe no seu plano de estudos e elogia no *Ciceronianus*⁵² –, a teoria das origens da poesia como criação dos deuses encontra reflexos, entre nós, no debate poético da écloga *Alejo* de Sá de Miranda⁵³.

Importa referir que, tal como na Antiguidade clássica, a poesia renascentista não era inteiramente autónoma de outros géneros literários eruditos, que dependiam do exercício e da cultura. De entre eles, a eloquência, da qual já fora mestre Homero, ao apresentar, na *Ilíada* e na *Odisseia*, paradigmas de oradores⁵⁴. Se, desde Platão, Homero é apresentado como modelo perfeito de eloquência, é sobretudo na Antiguidade tardia, designadamente a partir de Quintiliano⁵⁵, que tal ideia se desenvolve e serve de apoio à conceção de poeta, modelo de *copia* e *uarietas*, em que Virgílio, na língua latina, vai ser considerado expoente máximo, sobretudo a partir dos comentários de Macróbio⁵⁶. Além disso, a poesia em si mesma é um género a que não pode faltar a essência erudita, a prática animadora, pelo que não pode conceber-se uma arte poética, por mais genial que seja a natureza humana, sem o apoio da cultura e do exercício.

Esta conceção do poeta, de inspiração clássica, surge de forma acabada da pena autorreflexiva de Camões, n'Os *Lusíadas* (X, 154, v. 5-8): “nem me falta na vida honesto *estudol* com longa *experiência* misturado,/ nem *engenho*, que aqui vereis presente,/ cousas que juntas se acham raramente”⁵⁷.

Assim se estabelecia, na arte da escrita, um elo indissolúvel entre inspiração natural e artifício, que arrastava consigo o círculo vicioso da imitação-inovação, verdadeiro calvário da estética renascentista – aspeto que já na Antiguidade

⁵⁰ *Institutio oratoria*, I, 3, 1-2: *Ingenii signum in parvis praecipuum memoria est.*

⁵¹ Marsilio Ficino 1576: II, 1281-1284. Vide, a este propósito, Lecointe 1993: 217-374 (chap. II: «le génie et la fureur»).

⁵² Margolin et al. 1992: 451: além dos elogios que tece, no *Ciceronianus*, à obra *De genealogia deorum gentilium* (ed. orig. ca. 1472), Erasmo considera, no seu *De ratione discendi*, que o aluno deverá aprender a fundo a genealogia dos deuses, cujas fábulas se encontram disseminadas por toda a parte, afirmando que, depois de Hesíodo, Boccaccio tratou este género com uma felicidade excepcional para o seu século.

⁵³ Osório 1985: 61.

⁵⁴ Soares 1995: 799-844, designadamente p. 800-802.

⁵⁵ *Institutio oratoria*, 10, 1, 46; 12, 10, 58 sqq. Vide J. J. Murphy 1987.

⁵⁶ Macróbio, *Saturnales*, lib. V, p. 250 (*Opera*, ed. F. Eyssenhardt, Leipzig, 1893).

⁵⁷ O sublinhado é nosso.

preocupara Horácio, que invetiva “os imitadores, rebanho servil” e se atribui, não sem um certo orgulho desmedido, o lugar de *primus*⁵⁸. Curioso é notar que esta exaltação do lugar de *primus* se torna um verdadeiro *Tópos* – desde a tradição antiga da biografia, no que se refere à invenção –, no domínio, filosófico, científico ou técnico, de que é herdeira a célebre compilação de Polidoro Virgílio, *De rerum inventoribus libri octo*, de 1499.

A fé na exemplaridade do mundo clássico e nos seus autores, considerados como mestres de perfeição estilística e intérpretes dos mais altos valores morais e de uma ética de comportamento humano, está na gênese de toda a criação artística no Século de Ouro europeu. Assim se compreende que as mais diversas obras, desde as de carácter moral, às da literatura dramática, à épica, à lírica revelem afinidades entre si e repitam por vezes as mesmas ideias, nos mesmos termos, os mesmos *tópoi*. Esta unidade de pensamento dos diferentes autores deriva não só do facto de se reportarem a um determinado momento de empenhamento coletivo em dar solução à problemática espiritual do homem, mas ainda do facto de utilizarem fontes antigas comuns, que o ensino, a pedagogia humanista veiculava, desde a infância – fase da vida em que se molda o espírito e se assimila o conhecimento de forma impressiva.

O carácter profundo que assumem os primeiros rudimentos, na educação, é traduzido em imagens emblemáticas como a do vaso, de que nos fala Horácio (*Epistulae*, 1, 2, v. 69-70), que retém por muito tempo o aroma daquilo que primeiramente nele foi introduzido, ou outras que lhe são equivalentes, como as que comparam o espírito da criança à cera mole, onde tudo se pode moldar, ou à tábua rasa, onde tudo se pode imprimir. Estas imagens, que se repetem, desde as obras de Platão ao Renascimento, encontram-se nos mais diversos autores, como Erasmo, Diogo de Teive, D. Jerónimo Osório, pelo que se tornam expressivos *loci communes*⁵⁹.

Os primeiros autores do *Quattrocento* italiano, empenhados na vida pública das suas cidades e na formação integral dos concidadãos, impõem ao mundo culto os padrões de uma educação aristocrática. De acordo com a sensibilidade humanista, o processo formativo do homem, a sua educação integral, privilegia a componente retórica, indispensável à capacidade oratória, à arte da palavra do *homo urbanus*, que se distingue pela *nobilitas morum*, pela cultura, pelo trato e gostos elegantes, tal como preceitua Pontano no *De sermone* e Castiglione em *Il cortegiano*.

A complementaridade do ideal enciclopédico e do ideal retórico, que a literatura de carácter sentencioso harmoniza, aponta no sentido de uma conceção

⁵⁸ Horácio, *Epistulae*, 1, 19, v. 19-25; *Carmina*, 3, 30 v. 13-14.

⁵⁹ Cf. e. g. Platão, *Theetetus*, 135 c; *Philebus*, 83; Quintiliano, *Institutio oratoria*, I, 1, 36; Erasmo, *LB*, e. g. I, 358 C; I, 494 A; I, 768 E; II, 529 F; V, 713 B; Diogo de Teive 1786: 104-105. Sobre este assunto, e designadamente sobre D. Jerónimo Osório, vide Soares 1994: 425 e sqq., maxime 429.

aristocrática de cultura, a que as cortes europeias da época davam resposta – a começar pelas italianas, por vezes centros de famosas academias. Surge assim uma produção de cariz palaciano e cortesanesco, menos séria e dogmática que lança mão dos *salse dicta*, do *iocandi genus*, segundo a designação de Cícero (*Off.* 1. 29), que vai ao encontro do ideal do *homo urbanus et facetus* do Renascimento.

Na tradição dos livros sobre os *Feitos e os ditos de homens ilustres* de Valério Máximo, das obras de Plutarco, em especial as *Vidas Paralelas*, do livro de Diógenes Laércio, o nascente Humanismo italiano deu um novo impulso a este género literário, em que o *docere* se punha ao serviço do *delectare*, da *iucunditas* literária, com os contos de Boccaccio e o *Liber facetiarum* de Poggio Bracciolini. Conhecida é a receção destas obras nas literaturas em vulgar – os *Contos e histórias de proveito e exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso manifestam a influência do *Decameron* –, para o que concorre a dimensão axiológica da narrativa, com registos e mundos epistémicos diferentes, em que o romanesco e o divertimento se misturam com a máxima, que é erudição e ensinamento moral, tão ao gosto da sensibilidade humanista⁶⁰.

Intencionalmente a filosofia moral tornou-se um traço característico da vida intelectual deste período, de par com o conhecimento da história, da poesia e do direito, disciplinas que preparam para a vida ativa. Justifica-se assim a predileção pelas obras de Platão e Aristóteles, que ditaram as bases teóricas da *paideia*, difundida no mundo greco-latino sobretudo através da obra de Cícero, o pai da *humanitas*, pelas obras de Séneca, Plutarco, Diógenes Laércio, Luciano, Valério Máximo e, entre os poetas, pelas de Virgílio, Horácio, Ovidio, com as *Metamorfoses* – verdadeiro reportório da mitologia antiga –, sem esquecer os do período argênteo, designadamente Apuleio e Juvenal, que se tornaram fontes principais na transmissão de *exempla*, na difusão de *loci communes*.

Nos autores do Renascimento, mesmo naqueles cujo estilo segue a *ubertas* ciceroniana e se espraia numa *amplificatio* argumentativa, que é pedagogia e parénesis, como é o caso de D. Jerónimo Osório, no *De regis institutione et disciplina* (1572), há um recurso constante ao *exemplum* clássico.

Dirá Francisco de Monçon, um leitor dos *Adagia* de Erasmo, no seu *Libro primero del principe christiano*⁶¹: «Conviene tambien que algunas vezes los libros de varia erudición y doctrina lleven insertas algunas sentencias oscuras y proverbios antiguos que adornan y dan autoridad a la obra; porque son unos dichos breves,

⁶⁰ Erasmo refere a importância, no ensino das crianças, de fórmulas, exemplos de educação, *paradeigmata* – como os veiculados pelos nove livros *De factorum et dictorum memorabilium libri* de Valério Máximo –, e aconselha turmas com poucos alunos, bem como o preceptor ao domicílio, para ser ministrado um ensino mais individualizado, desde muito cedo, do grego e do latim, evitando as classes sobrecarregadas (*magnus grex*) que critica, no seu tempo. Vide Margolin et al. 1992: 453.

⁶¹ Francisco de Monçon 1544: fol. 4 rº.

y por metáforas de propriedades naturales, que dixeron algunos famosos sabios para dar algunos saludables consejos y avisos a los hombres; y por ser de tanto valor y estima quisieron engastarlos en sus obras (como piedras preciosas) los filósofos y doctos varones que les sucedieron, como hizieron Platón, Aristóteles, Plutarcho, Plinio, Cicerón, Quintiliano, Hierónimo y Augustino con las más de las personas que por sabias y doctas celebramos».

É, no entanto, pelo vigor da *sententia*, conceito e forma lapidares, *cogitati acumen*, ao mesmo tempo *probatio* e *ornatus* – sob a inspiração de Séneca, Tácito e dos autores do período argênteo – que se vai impor um estilo filosófico propriamente humanista e o gosto pelo aticismo, que Érasmo, Budé e a *Dialectique* de 1555 de Pierre de la Ramée documentam⁶².

Mas, se o estilo sentencioso de Séneca, a que se alia a majestade do de Tácito, definem o triunfo do aticismo, que se sobrepõe à *Aetas Ciceroniana*, Cícero foi o autor preferido da designada segunda Escolástica, que fornecera argumentos à questão das relações entre retórica e filosofia, bem como, a partir do concílio de Trento, entre retórica e teologia católica, abrindo caminho à doutrina de Aristóteles e à obra dos Conimbricenses⁶³.

Apesar das tendências que marcam o sentido da evolução dos gostos estéticos, de que a querela do ciceronianismo é o afloramento mais expressivo, os humanistas perfilham o ecletismo de modelos, o direito à própria autenticidade e diferença, a *multiplex imitatio*, exemplificada no símile da abelha, a recolher o néctar em todas as flores – de raiz lucreciana (*De rer. nat.*, 3. 11-12), divulgado sobretudo a partir de Séneca (*Ep.* 65) –, que gozará da maior fortuna entre os teorizadores do Renascimento⁶⁴.

As doutrinas estéticas da época favoreciam, assim, a permeabilidade de motivos, de temas e as suas estruturas na cultura ocidental. O ensino nas escolas mantinha-os vivos e disponíveis, ao longo das gerações, convertia a sua exemplaridade técnica em tesouro comum e assegurava-lhes a perenidade. Reflexões semelhantes sobre a problemática da originalidade na criação literária ocorrem na pena de Petrarca, Poliziano, Leon Battista Alberti, Montaigne, Juan del Encina, Gil

⁶² Pierre de La Ramée, na sua *Dialectique* de 1555 (ed. M. Dassonville, Genève, 1964; réimpr. Genève, 1972), confere um importante papel aos lugares comuns e sentenças dos autores antigos, na retórica da invenção. Vide Ong, S. J. 1963: 207-221; Bruyère 1984: 305 e *sqq.*; Meerhoff 1988: 270-280.

⁶³ Pereira 2012.

⁶⁴ Vide a carta de Petrarca dirigida a Boccaccio, em que emprega a metáfora senequiana da abelha, in *Lettere di Francesco Petrarca delle cose familiari libri ventiquattro* [...], por Giuseppe Fracassetti 1863-1865: III, 239-241. Petrarca, na linha de S. Jerónimo, preocupa-se com o verdadeiro sentido de uma adequada *imitatio* dos autores antigos, que estará na origem da famosa querela do Ciceronianismo. Paradigmática do ecletismo humanista – que longe da imitação simiesca ciceroniana, afirma o direito à própria autenticidade e diferença – é a expressão de Poliziano, em carta dirigida ao ciceroniano Paolo Cortesi, que figura no livro VIII das *Epistolae*: Garin 1977: 902.

Vicente⁶⁵. Desta consciência coletiva, no que se refere à falta de originalidade, não só na literatura didática, mas na obra puramente artística, dá-nos conta de forma expressiva Juan del Encina, na sua *Arte de poesía*: «No dudo nuestros antecesores aver escrito cosas más dinas de memoria [...] llegaron primero y aposentáronse en las mejores razones y sentencias: y si algo bueno nosotros dezimos, dellos lo tomamos. Quando más procuramos huyr de lo que ellos dixeron, entonces ymos a caer en ello. Por lo qual será forçado cerrar la boca o hablar por boca de otro»⁶⁶.

Expressivas, neste sentido, são as palavras de Gil Vicente, na dedicatória ao rei D. João III da sua *Côpilaçam* de 1562. Admitindo ironicamente que «antigos e modernos nam leixaram cousa boa por dizer, nem invençam linda por achar, nem graça por descobrir», defende o direito à originalidade pessoal – qual Cervantes, no prefácio de *Don Quijote* – e não se resigna a ser «eco nos vales que fala o que dizem, sem saber o que diz».

Na verdade, quer se trate de poetas líricos, bucólicos, elegíacos, épicos ou dramáticos, ou mesmo autores em prosa, de novelas, romances de cavalaria, ou de obras didáticas, ou de filosofia, ao tratarem o mesmo tema, moldam-no de acordo com uma inspiração coletiva. Assim se pode falar, na produção literária europeia, não só em cânones estéticos, mas em temática renascentista. Serve de exemplo o tema do Amor no Renascimento, que repete o processo amoroso de Petrarca por Laura, a que servem de apoio poetas como Ovídio, ou a doutrina da melancolia, veiculada por Marsilio Ficino e retratada por Dürer, ou a filosofia do amor dos diferentes tratadistas, a que deu contributo notável o judeu português Leão Hebreu. As mesmas metáforas, as mesmas imagens, os mesmos *tópoi* retóricos, os mesmos *loci communes* são repetidos por Sannazaro, Garcilaso, pelos autores portugueses desde Bernardim Ribeiro a Camões, sem esquecer os diferentes géneros, de que são exemplo expressivo a tragédia *Castro*, a comédia *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, o *Auto do Filodemo* de Camões, os autos de Gil Vicente.

O mesmo se poderia dizer de outros temas e motivos, típicos da mentalidade e do discurso dos autores desta época, tais como: o mito da Idade do Ouro, o *carpe diem* horaciano, a *aurea mediocritas*, a instabilidade da Fortuna, a fragilidade das coisas humanas, a brevidade da vida, o poder cósmico do amor, o amor para além da morte, a vida cortada na flor da idade, e a morte sentida como um roubo à *gloria mundi*, o valor da glória, a verdadeira nobreza, a dicotomia armas e letras, o bom rei e o tirano, os trabalhos do rei que ecoam o *beatus ille* horaciano, a *uita aulica*, a adulação e a lealdade, a educação como segunda natureza, a enunciação das virtudes da filosofia cínico-estóica e cristãs.

⁶⁵ Além da alusão feita ao pensamento dos autores referidos, ao longo deste estudo, são dignas de nota as palavras de Leon Battista Alberti: «oggi a chi voglia ragionarne resta altro nulla che solo raccoglierte e assortirle». Cf. Toffanin 1947: 234.

⁶⁶ *Cancionero*, 1496, fol. 2, ed. *fac-símile*, apud Asensio 1974: 264.

Na verdade, o conhecimento direto das obras da Antiguidade, de prosadores e poetas, a par de coletâneas de sentenças e sua assimilação traduz-se na permanente inserção do seu conteúdo na dinâmica criadora do texto literário. Este pendor mimético do discurso humanista, manifestado sobretudo através da arte alusiva e dos *loci similes*, levaria Marcel Bataillon a afirmar que «no séc. XVI todo o livro corria o risco de se converter em miscelânea»⁶⁷.

Apesar disso, dentro dos princípios aristotélicos do *verosímil* e do *decorum*, que as muitas edições comentadas da *Poética* do Estagirita fizeram reviver, o texto humanista impõe-se pela clareza da sequência discursiva, motivada e coerente, com as suas marcas enunciativas e originalidade própria.

Em suma, o génio do autor está em transformar códigos e fórmulas estratificadas em literatura⁶⁸.

É o caso da poesia de Ronsard que, apoiando-se, por exemplo, no *Florilégio* de Estobeu, se serve de belos versos gregos e latinos, de citações consagradas, de ornamentos literários que denotam a influência direta dos Antigos⁶⁹.

O mesmo se poderá dizer de Montaigne, que acumula referências dos autores clássicos, recolhidas um pouco por todo o lado, a que imprime um certo tom poético, sem impedir que o seu estilo se apresente cortado e denso, embora de uma densidade intelectual incomparável⁷⁰. Aliás o conhecimento e a assimilação do saber da Antiguidade implicavam muitas vezes, nos diversos autores, não uma simples memorização e repetição de *sententiae* mas uma reelaboração, uma reescrita, conscientemente assumida – «les paroles redictes ont, comme autre son, autre sens», dirá Montaigne⁷¹ –, ou mesmo uma “argumentação pelo antimodelo”, o “exemplo negativo”, tão caro ao autor dos *Essais*, que confessa instruir-se melhor «par contrarieté que par exemple, et par fuite que par suite»⁷². No entanto, não deixa de encarecer a utilidade da citação, sempre disponível e textualizável na construção de um novo discurso: «Aille devant ou après, un’ utile sentence, un beau traict est toujours de saison. S’il n’est pas bien à ce qui va devant, ny à ce qui vient après, il est bien en soy»⁷³.

Também Rabelais, que no livro XIV de *Gargantua* ridiculariza o ensino memorizado e dogmático de inspiração medieval, no *Quart Livre*, reclama o indispensável “degelo” das fórmulas gnómicas retiradas dos autores antigos – a linguagem deve «rendre son en degelant», especifica⁷⁴.

⁶⁷ Bataillon 1991: 678: «Au XVI siècle, d’ailleurs, tout livre courait le risque de se convertir en miscellanée».

⁶⁸ Vide Aguiar e Silva 1974: 23-33.

⁶⁹ Vide Weber 1955: 508 e sqq. “Les lieux communs philosophiques et moraux”; Py 1984.

⁷⁰ Vide e. g. Tournon 1983; Fumaroli 1984: 27 e sqq.

⁷¹ Montaigne, *Essais*, III, 13, 1040.

⁷² Ibidem, *Essais*, III, 8, 899 B. Sobre “a argumentação pelo antimodelo” e “o exemplo negativo”, vide Perelman 1988: 123-126; Lyon 1989: 153.

⁷³ Montaigne, *Essais*, I, 26, 169 C.

⁷⁴ Rabelais, *Oeuvres complètes* II 1962: 202. Vide, a este propósito, F. Rigolot 1978: 277-286.

Estes autores, como todos os seus contemporâneos, consideram a mensagem clássica como fonte inesgotável de saber e, mais ainda, como base de reflexão crítica que a torna atual e dinâmica, capaz de dar o impulso natural ao pensamento, ao discurso individual.

A “retórica das citações”, da reescrita, corrente entre os humanistas⁷⁵, define também o estilo de um Frei António de Guevara, autor do *Libro de Marco Aurelio*, que divulga o pensamento estoíco do imperador romano. Em 1529, um ano depois da edição *princeps*, esta obra sai publicada em Lisboa, nos prelos de Germão Galharde, com dedicatória a D. João III. Mais lida no séc. XVI do que a *Celestina*, gozava das preferências do pai de Montaigne, que nos *Essais* (II, 2) surgia caracterizado, nestes termos: «falava pouco e bem» e «era aficionado por Marco Aurélio».

Prosadores portugueses da dimensão de um Frei Heitor Pinto, fizeram das suas obras um verdadeiro mosaico de citações⁷⁶. Na *Imagem da vida cristã*, as muitas sentenças retiradas dos autores pagãos encontram-se de parceria com as dos Padres da Igreja e da Sagrada Escritura. Apesar da sua preocupação com uma prosa artística, o autor a si próprio se define como um “tecelão”⁷⁷: «Assi como o tecellão ajũta o fiado de diversas mãos tecido, & de muytos fios urde e tece a sua tea; assi eu ajuntarey a doutrina de diversos autores, & de muytas autoridades farey hũa tea desta pratica».

Esta prática, mais não é do que o manifestar da abundante erudição do autor, que visa sobretudo fins didáticos. A obra impressa, com todo o seu prestígio, tinha vindo substituir no Renascimento a arte da memória e, numa aliança perfeita do *utile dulci* horaciano, imprimia ao Humanismo a sua feição pedagógica e cívica.

O gosto pelo dito sentencioso, pela *breuitas* aforística⁷⁸, que iria exacerbar-se no conceptualismo barroco, leva à afirmação, no século XVI, do género epigramático, documentado na medalhística e no emblema – uma espécie de banda-desenhada *avant-la-lettre*. A originalidade do género emblemático, de que Andrea Alciato foi o criador, não passou despercebida na cultura e na literatura portuguesas onde, numa espécie de “tradução intersemiótica”, em sentido inverso, se encontra a sua influência na obra de Camões⁷⁹.

⁷⁵ Vide Meerhoff 1986: 184; A. Compagnon 1979; T. Cave 1979; J. Alves Osório 1990: 99-119.

⁷⁶ Vide Osório 1977: 459-500.

⁷⁷ Fr. Heitor Pinto 1843: II, 285.

⁷⁸ Um aspeto curioso no século XVI é que o gosto pelo dito sentencioso leva à comunhão dos autores clássicos com o espírito popular. Exemplo expressivo é a comédia *Eufrosina*, um autêntico repositório de provérbios, ou mesmo algumas cartas de Camões, densamente conceituosas. Vide Leite de Vasconcelos, 1933: I, 239-244.

⁷⁹ Em 1552, a pedido de Dom João de Meneses Sottomayor, senhor de Cantanhede, o humanista de origem germânica Sebastião Stochamer, redigiu uns “sucintos comentários” ao livro I dos *Emblemas* de Andrea Alciato, que foram incluídos em edições de 1556 e 1614. Vide Soares 1993: 402. O criador da expressão “tradução intersemiótica” foi Roman Jakobson, para designar a adaptação de um texto escrito à criação artística – por exemplo à pintura, à

A polissemia contida na linguagem figurativa, acompanhada de legenda epigramática, confina por vezes com o enigma, que ia ao encontro da sensibilidade humanista, voltada para o hermetismo e o sentido rebuscado e obscuro das coisas. Aliás a subtileza e argúcia necessárias ao seu perfeito entendimento conferiam um toque *aliquid elegans* à composição, pelo que se chegou a exagerar esta componente. Paralelamente, ganhava forma o gosto do paradoxo⁸⁰ e da literatura de *rebus*, de centões, de acrósticos e anagramas, como estímulo ao espírito crítico, à ginástica mental e sobretudo como fuga ao vulgar, de que é exemplo, nos dias de hoje, a poesia experimental portuguesa⁸¹.

Tal como acontece nos autores do Renascimento, não resistimos a aludir à consciência atual do nada de novo à face da terra (*Ecles.1, 9*), tantas vezes expressa no discurso narrativo de Jorge Luis Borges – «Ya no nos quedan más que citas. La lengua es un sistema de citas»⁸². Esta consciência, no seu limite, leva ao intencional “obscuro” discurso poético de Herberto Helder, um dos mais criativos da atualidade.

Numa palavra, as vias de invenção privilegiadas na génese do discurso literário, no Renascimento europeu – qual moderna intertextualidade ou retórica da citação – têm como ponto fulcral de derivação a *mimesis* estética e cultural dos autores clássicos, da sua sabedoria lapidar, no conceito e na forma, favorecida pelos métodos de ensino, a nível global, nos diferentes centros de cultura europeia.

A mobilidade de mestres – graças à língua franca de cultura, o latim – os métodos pedagógicos afins, em toda a *respublica litteraria*, e a difusão, pela imprensa, das obras da Antiguidade greco-latina, na língua original ou em tradução, permitem a internacionalização do saber, em que se valoriza a memorização de motivos e imagens, de idioletos temático-estilísticos, essência do pensamento e da palavra, da *inuentio* e da *ars scribendi*, de toda a arte de pensar, de criar e de escrever, de todo o discurso literário no Renascimento europeu.

arte cinematográfica –, de acordo com os novos códigos e linguagens. Vide Jakobson 1966: 232-239. Nesta aceção, o próprio emblema é um exemplo de “tradução intersemiótica”, bem como as conhecidas tapeçarias flamengas do Renascimento, inspiradas em motivos e *exempla* literários.

⁸⁰ Expressivo é o caso dos *Paradossi* de Ortensio Landi (Lyon, Pullondatrin, 1543) – a que o próprio autor dá uma *Confutatio del libro del Paradossi* –, que conhecem grande voga sobretudo a partir da tradução de Charles Estienne 1561.

⁸¹ Hatherly e Melo e Castro 1981.

⁸² Jorge Luis Borges: “Utopía de un hombre que está cansado”, 1989: 55. Expressiva do ponto de vista da imagética literária é a forma como vê “La Francia” (*Historia de la noche*, ibidem, p. 194): «No diré la tarde y la luna: diré Verlaine /No diré el mar y la cosmogonía: diré el nombre de Hugo /No la amistad, sino Montaigne».

BIBLIOGRAFIA

- Asensio, Eugenio (1974), *Estudios portugueses*. Paris.
- Auerbach, E. (1972) (1ª ed. 1942), *Mimesis. La representación de la realidad en la literatura occidental*. México.
- Barthes, Roland (1964), “Littérature et discontinu”, *Essais critiques*. Paris, 175-187; I
- (1970), *Mythologies*. Paris.
- (1972), *Le degré zéro de l’écriture*. Paris.
- Bataillon, Marcel (1991), *Erasmus et l’Espagne* Nouvelle édition en trois volumes. Texte établi de l’édition de 1937 par Daniel Devoto. Edité par Charles Amiel. Genève.
- Bell, Aubrey (1942), *Damião de Góis*. Lisboa.
- Bené, Charles (1969), *Érasme et Saint Augustin*. Droz.
- Borges, Jorge Luis (1989): “Utopía de un hombre que está cansado”, in *Obras completas II*. Buenos Aires.
- (1989), *Historia de la noche*, in *Obras completas II*. Buenos Aires.
- Brandão, Mário (1937-1941), *Documentos de D. João III*, I- IV. Coimbra.
- (1924-1933), *O Colégio das Artes*, 2 vols. Coimbra.
- (1948 e 1969), *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, 2 vols. Coimbra.
- Bruyère, N. (1984), *Méthode et dialectique dans l’oeuvre de La Ramée – Renaissance et âge classique*. Paris.
- Brower, Reuben A. (ed.). (2ª ed. 1966), Jakobson, Roman, “On linguist aspects of translation”, in *On translation*, ed. New York.
- Cave, T. (1979), *The cornucopian text, problems of writing in the French Renaissance*. Oxford.
- Chomara, T. J. (1981), *Grammaire et rhétorique chez Érasme*, 2 vols. Paris.
- Compagnon, A. (1979), *La seconde main ou le travail de la citation*, Paris.
- (1984), “La brièveté de Montaigne”, in *Les formes brèves de la prose et le discours discontinu aux XVIe-XVIIe siècles*. Paris, 9-25.
- Conte, Gian Biagio (1986), *The rhetoric of imitation. Genre and poetic memory in Virgil and other latin poets*. Trad. inglesa da edição italiana por Charles Segal. Ithaca - London.
- Dainville, F. (1940), *La naissance de l’humanisme moderne*. Paris.
- Dällenbach, Lucien (1976) “Intertexte et autotexte”, *Poétique* 27: 282-296.
- Dassonville, M. (ed.) (2ª ed. 1972), *Pierre de La Ramée, Dialectique de 1555*. Genève.

- Dias, Sebastião da Silva (1969), *A política cultural no tempo de D. João III*. 2 vols. Coimbra.
- Dubois, Jacques et al. (1970), *Rhétorique générale*. Paris.
- Ehrlich, Hélène - Hedy (1972), *Montaigne et la langue*. Paris.
- Erasmus, Desidério (1703), *Opera omnia*, ed. J. Leclerc. Leiden. (tradicionalmente citados com a sigla *LB*).
- (1967) *Correspondance d'Erasmus*. Édition intégrale. Traduite et annotée d'après l'*Opus Epistolarum* de P. S. Allen, H. M. Allen et H. W. Garrod. Tome I, Paris, 1484-1514.
- Estienne, Charles (1559), *Paradoxes ou sentences débatues, et élégamment déduites contre la commune opinion, traité non moins plein de doctrine que de récréation pour toutes gens, reveu et augmenté*. Lyon, par Jean Temporal (no cólofon: Lyon, par Nicolas Perrineau, 1561).
- Ferrau, Giacomo (1975), "L'églogia *In violas* di Angelo Poliziano", in *I classici nel Medioevo e nell' Umanesimo. Miscellanea filologica*. Genova.
- Ficino, Marsilio (1576), *In Platonis Ionem, uel de furore poetico, ad Laurentium Medicum uirum magnanimum Epitomae*, in *Opera II*. Basileae, 1281-1284.
- Fumaroli, Marc (1980), *L'âge de l'éloquence. Rhétorique et "res litteraria" de la Renaissance au seuil de l'époque classique*. Genève.
- (1984), "Michel de Montaigne ou l'éloquence du for intérieur", in *Les formes brèves de la prose et le discours discontinu (XVIe - XVIIe siècles)*. Paris, 27 e sqq.
- Garin, E. (ed.) (1977), *Prosatori latini del Quattrocento* (1ª ed. MilanoNapoli, 1952). reimpr. Torino.
- Garrido Gallardo, M. Ángel (dir.) (2009), *El lenguaje literario. Vocabulario crítico*. Madrid.
- Grafton, A. (1981), "Teacher, text and pupil in the Renaissance classroom: a case study from a Parisian College", in *History of universities I*, 37-70.
- Genette, Gérard (1979), *Introduction à l'architexte*. Paris.
- (1982), *Palimpsestes*. Paris.
- (1966), *Figures*. Paris.
- (1983), "Transtextualités", *Magazine littéraire* 192: 40.
- Gomes, J. Ferreira (1994), "O *modus parisiensis* como matriz da pedagogia dos jesuítas", *Revista portuguesa de Filosofia* 50: 179-196.
- Hatherly, Ana; Castro, E. M. de Melo e (1981), *Po-Ex. Textos teóricos e documentos da poesia experimental portuguesa*. Lisboa.
- Hoffmann, G. (1991), "Fonder une méthode à la Renaissance. Montaigne et ses professeurs de philosophie, Grouchy et Sylvius. II. *Distinguo*: l'apport de

Sylvius”, *Bulletin de la Société des Amis de Montaigne*, VIIe série, 25-26 : 45-60.

Jakobson, Roman, vide Brower, Reuben A. (ed.). (2^a ed. 1966).

Jardine, Lisa (1988), “Distinctive disciplina: Rudolph Agricola’s influence on methodical thinking in the humanities” in F. Akkerman and A. J. Vvanderjagt eds., *Rudolphus Agricola Phrisius (1444-1485). Proceedings of the International Conference at the University of Groningen (28-30 October 1985)*. Leiden, 38-57.

Jauss, H. Robert (1978), *Pour une esthétique de la réception* (trad. franc.), Paris.

Jenny, Laurent, “Structure et fonctions du cliché” (À propos des “Impressions d’Afrique”), *Poétique* 12: 495-517.

——— (1976), “La stratégie de la forme”, *Poétique* 27: 257-281.

——— (1984), “Poétique et représentation”, *Poétique* 58: 171-195.

Kennedy, G. (1980), *Classical rhetoric and its secular and christian tradition from Antiquity to Modern Times*. Chapel Hill.

Kristeva, Julia (1967), “Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman”, *Critique* 23, 239: 438-465.

Lafond, J. (1984), “Des formes brèves de la littérature morale aux XVIeXVIIe siècles”, in *Les formes brèves de la prose et le discours discontinu aux XVIe-XVIIe siècles*. Paris: 101-122.

Landi, Ortensio (1543), *Paradossi*. Lyon.

Lausberg, H. (2^a ed. 1972) (1^a ed. original 1967), *Elementos de retórica literária*, tr. port. com introdução e comentários de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa.

Lauvergnat-Gagnière, Christiane (1988), *Lucien de Samosate et le Lucianisme en France au XVIe siècle. Athéisme et polémique*. Genève.

Lecointe, J. (1993), *L’idéal et la différence. La perception de la personnalité à la Renaissance*. Genève.

Lyons, J. D. (1989), *Exemplum*. New Jersey.

Margolin, J.-Cl. (1979), “La rhétorique d’Aphthonius et son influence au XVI siècle”, *Colloque sur la rhétorique – Calliope I* (ed. R. Chevallier). Paris, 239-269.

——— *et al.* (1992), *Érasme, Éloge de la folie, Adages, Colloques, Réflexions sur l’art, l’éducation, la religion, la guerre, la philosophie. Correspondance*. Paris.

Mathieu-Castellani, G.; J.-C. Margolin (1987), *Actes du Colloque de la Société Française des Seiziémistes (1415 octobre 1982)*. Paris.

Meerhoff, Kees (1986), *Rhétorique et poétique au XVIe Siècle en France. Du Bellay, Ramus et les autres*. Leiden.

- (1988), “Agricola et Ramus – dialectique et rhétorique”, in F. Akkerman and A. J. Vvanderjagt eds., *Rudolphus Agricola Phrisius (1444-1485). Proceedings of the International Conference at the University of Groningen* (28-30 October 1985). Leiden, 270-280.
- Meleuc, Serge (1969), ‘Structure de la maxime’, *Langages* 13: 69-99.
- Mesnard, Pierre (1966), “The pedagogy of Johann Sturm (1507-1589) and its evangelical inspiration”, *Studies in the Renaissance* 13: 200-219.
- Mir, Codina (1968), *Aux sources de la pédagogie des jésuites. Le ‘modus parisiensis’*. Roma.
- Miranda, Margarida (2009), *Código pedagógico dos jesuítas. Ratio studiorum da Companhia de Jesus – Regime escolar e Curriculum de estudos*. Ed. bilingue latim –português e versão portuguesa. Lisboa.
- Monçon, Francisco de (1544), *Livro primeiro del espejo del principe christiano* [...]. Lisboa.
- Montaigne, Michel de (1962), *Oeuvres complètes* (la Pléiade, Gallimard). Paris
- Murphy, J. J. (ed.) (1988), *Renaissance Eloquence, Studies in the theory and practice of Renaissance Rhetoric*. Berkeley- Los Angeles.
- (1987) *Quintilian on the teaching of speaking and writing*. Carbondale-Edwardville.
- Ong, W. J., S. J. (1963), “Ramus éducateur – Les procédés scolaires et la nature de la réalité” in *Pédagogues et juristes* (Congrès Tours, 1960). Paris, 207-221.
- Osório, J. A. (1977), Frei Heitor Pinto, leitor da *Menina e moça*, in *Homenagem a Victor Matos e Sá*, *Biblos* 53: 459-50
- (1985), “Entre a tradição e a inovação. Sá de Miranda na esteira de Garcilaso: em torno do debate poético da écloga *Alejo*”, *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Línguas e Literaturas*, II série, vol.I.
- (1990), “Diálogo e citação nos *Colóquios* de Erasmo”, *Humanitas* 41-42: 99-119.
- Pendergrass, J. N. (1990), *Correspondance d’Antoine Arlier, humaniste languedocien (1527-1545)*. Édition critique du Ms. 200 (761-R.132) d’Aix-en-Provence. Texte établi et commenté. Genève.
- Pereira, Belmiro F. (2012), *Retórica e eloquência em Portugal na época do Renascimento*. Lisboa.
- Perelman, Charles (1988), *L’empire rhétorique*. Paris.
- Petrarca, F. (1863-1865), *Lettere di Francesco Petrarca delle cose familiari libri ventiquattro* [...], por Giuseppe fracassetti, 5 vol. Firenze.
- Pinto, Fr. Heitor (1843), *Imagem da Vida Christam, ordenada per dialogos como membros de sua composição. Compostos per Frey Hector Pinto, frade ieronimo*. Nova edição, 3 vols., Lisboa, Na Typographia Rollandiana.

- Porteau, P. (1935), *Montaigne et la vie pédagogique de son temps*. Paris.
- Py, Albert (1984), *Imitation et Renaissance dans la poésie de Ronsard*. Genebra.
- Rabelais, F. (1962), *Oeuvres complètes* (ed. P. Michel). Paris.
- Ramalho, Américo da Costa (1994 2ª ed.), *Latim Renascentista em Portugal*. Lisboa.
- *Para a História do Humanismo em Portugal*, I (1988, Coimbra); II (1994, Lisboa); III (1998; Lisboa); IV (2000, Lisboa); V (2013, Coimbra).
- Reyes, Graciela (1984), *Polifonía textual. La citación en el relato literario*. Madrid.
- Riffaterre, M. (1971), “Fonction du cliché dans la prose littéraire”, *Essais de stylistique structurale*. Paris, 171 e sqq.
- Rigolot, F. (1978), “Sémiotique de la sentence et du proverbe chez Rabelais”, *Études rabelaisiennes* 14: 277-286.
- Scaglione, A. (1961), “The humanist as scholar and Politian’s conception of the ‘Grammaticus’ ”, *Studies in the Renaissance* 8: 49-70.
- Silva, V. M. de Aguiar e (1974), “O texto literário e os seus códigos”, *Colóquio / Letras*, 21: 23-33.
- Simondon, Michèle (1982), *La mémoire et l’oubli dans la pensée grecque jusqu’ à la fin du Ve siècle avant J.- C.*. Paris.
- Soares, Nair Castro (1993), “A literatura de sentenças no Humanismo Português: *res et uerba*”, in *Humanismo português na época dos Descobrimentos* (Coimbra, 9 a 12 de Outubro de 1991), *Actas*. Coimbra, 377-410.
- (1994), O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório. Coimbra.
- (1994 a), “A História Antiga no Humanismo Renascentista Português”, in *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*. (Coimbra, 18-20 Out.1990). Coimbra, 280-305.
- (1995), “Humanismo e pedagogia”, *Miscelânea em honra da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, Humanitas* 47: 799-844.
- (1996), “Lirismo e uirtus trágica na Castro de Ferreira: classicismo e Modernidade”, *Biblos* 72: 51-77.
- (2011), *Homo eloquens - Homo politicus. A retórica e a construção da cidade na Idade Média e no Renascimento*. Coimbra.
- Teive, Diogo de (1786), *Institutio Sebastiani Primi* (cf.texto e tradução: *Epodos que contém sentenças uteis a todos os homens, Às quaes se acrescentaõ Regras para a boa educação de hum Príncipe [...]* Traduzido na vulgar em verso solto por Francisco de Andrade [...]. Copiado fielmente da edição de Lisboa de 1565. Lisboa.
- Toffanin, G. (1947), *Storia del umanesimo*. Bologna.

- Tournon, André (1983), *Montaigne: la glose et l'essai*. Lyon.
- Weber, Henri (1955), *La création poétique au XVIIe en France de Maurice Scève à Agrippa D'Aubigné*. Paris.
- Weinberg, B. (ed.) (1970-1972), *Trattati di poetica e retorica del Cinquecento*, 3 vol. Bari.
- Vasconcelos, J. Leite de (1933), *Etnografia portuguesa*, vol. I. Lisboa.
- Villey, P. (1912), *Les sources d'idées*, Paris.
- Vinet, E. (ed.) (1941), *Schola Aquitanica. Regulamento de estudos de André de Gouveia, publicado em Bordéus por E. Vinet*. Texto latino revisto por Alfredo de Carvalho. Coimbra.
- Yates, F. A. (1975), *L'art de la mémoire*, trad. de l'anglais par Daniel Arasse. Paris.
- (1986), *Arguments in rhetoric against Quintilian*. Translation and text of Peter Ramus's *Rhetoricae distinctiones in Quintilianum (1546)*. Transl. by Carole Newlands; intr. by James J. Murphy. Dekalb-Illinois, 29-40.